

O DIÁRIO É UMA ESCRITA ÍNTIMA PARA SER MANTIDA EM SEGREDO?¹⁶⁸

Hideliza Lacerda Tinoco Boechat Cabral (UENF)

hildeboechat@gmail.com

Iêda Tinoco Boechat (UENF/ UNIFSJ)

iedatboechat@hotmail.com

Raquel Veggi Moreira (UENF)

rveggi@yahoo.com.br

Tatiane da Silva Lacerda Tinoco (UENF)

tatininoco74@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF/UFRJ)

elinafff@gmail.com

RESUMO

O diário é uma espécie de escrita íntima do eu, cujo autor mantém bem guardada, porque é nele que revela seus segredos e conta seus sonhos e suas decepções. Parece ser uma escrita para ficar oculta, secreta, em poder do diarista. Entretanto, alguns estudiosos do tema têm considerado a possibilidade de um desejo do autor de que um dia ele seja lido por outrem. O presente ensaio objetivou analisar se de fato podemos afirmar que, em regra, o diário é uma escrita para ser mantida em sigilo. Para tanto, valemo-nos de metodologia qualitativa, baseada em autores como Philippe Lejeune, Paula Sibília e Denise Schittine. Inferimos da análise dos referidos teóricos, especialistas em escrita íntima, que na maioria das vezes o autor de fato deseja ou mesmo considera a possibilidade de que um dia ele seja lido.

Palavras-chave: Escritas do eu. Diários. Autobiografia.

1. Considerações iniciais

Sabemos que o diário constitui um dos tipos de escrita íntima do *eu* geralmente cercado, pelo autor, de cuidados para que seus segredos permaneçam em sua esfera de controle. Isso porque ele pode encerrar autobiografia, confissões, desejos mais íntimos, sonhos e até fantasias.

Desse contexto, infere-se que o diário seja escrito por seu autor para ser mantido em segredo, bem guardado, especialmente pela natureza íntima das escritas nele contidas. Os diários, em sua maioria, possuem

¹⁶⁸ Este artigo resulta de trabalho apresentado na IX Jornada Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, realizado pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, no dia 5 de novembro de 2014.

um pequeno cadeado que, quando não cumpre o papel de trancá-lo de forma segura, no mínimo, comunica simbolicamente que possuem conteúdo sigiloso. Será que esse fato é verdadeiro? Eles seriam mesmo escritos para serem mantidos em segredo?

Alguns autores têm considerado o possível desejo, que seria latente, talvez inconsciente, de que um dia ele seja lido. Será que esse fato é verdadeiro? Será que aqueles que não gostariam de ter seus diários violados, ou expostos um dia – por não ter dado tempo de colocá-los a salvo em caso de morte por um mal súbito ou mesmo por acidente, por exemplo – não sentem um certo temor? Ou será que, em última análise, eles gostariam – ainda que inconscientemente – de terem seus diários lidos, comentados, admirados pela família e por outras pessoas ou até mesmo publicados?

Será possível afirmar e constatar esse fato? Objetivamos neste ensaio, apresentar uma breve análise a respeito do suposto sigilo e o aparente paradoxal desejo dos autores de diários em almejar ou mesmo pretenderem que um dia eles sejam lidos. Justificamos este estudo pela relevância dessa contradição existente entre o aparente desejo do autor em manter em segredo o diário e a intenção em torná-los acessível, que é percebida pelos especialistas do tema.

A metodologia será qualitativa. O estudo será realizado através de exploração bibliográfica de autores especialistas em escritas do eu, notadamente na espécie íntima, como é o caso dos diários, como Philippe Lejeune, Paula Sibilia e Denise Schittine a fim de concluirmos se os diários são escritos com a intenção (ou mesmo a possibilidade) de um dia extrapolar a esfera privada e alcançarem a pública.

2. Autobiografia e o diário como escritas íntimas do eu

O que poderíamos chamar de escritas do *eu*? Várias manifestações de expressão pessoais como diários, cartas, autobiografias, bilhetes, diários de formato tradicional, diários digitais como *facebook* e *blogs*, inclusive pequenas cadernetas de registros que podemos levar conosco no cotidiano.

Em texto muito bem articulado, o professor Sérgio Arruda de

Moura (2014), escreve para a Folha da Manhã¹⁶⁹ sobre essa espécie de escrita íntima – a caderneta: “Havia – e há ainda – outras soluções para automanifestações afetivas, como a agenda e o diário íntimo, ambos de papel para serem preenchidos a caneta.” E acrescenta, num depoimento pessoal:

De qualquer forma, vou falar do caderninho de anotações, aquele que não é nem diário íntimo, nem agenda, mas um caderno de notas, ou caderneta de anotações, de quem precisa registrar casos, ideias, lembranças, impressões, que poderão ser úteis dali em diante, algum dia. Eu mesmo tenho um, vários, de modelos e tamanhos diferentes. Fico revezando seu uso, dependendo do lugar aonde vou. Se à praia, um modelo menor; se para vagar pela cidade, outro; dentro da minha pasta de trabalho, um outro. (MOURA, 2014)

Uma espécie de caderneta mais utilizada no passado e que sobrevive, mantendo suas características e importância para quem a possui.

A espécie “escrita do eu” constitui um gênero literário? A autobiografia se insere nesse contexto?

Denise Schittine (2004, p. 9) explica que

Uma das maiores discussões da crítica literária é se a autobiografia, o diário, a memória e escritos afins podem ser considerados gêneros literários. Assim sendo, neste livro o diário aparece num conjunto onde figuram também os estilos enumerados acima que são aqui chamados de “escritas do eu”.

Escritas do *eu*, parece-nos, então, as narrativas a respeito daquele que escreve, em verso ou em prosa, que expressam pensamentos, sentimentos, emoções ou quaisquer outras manifestações que a pessoa quer comunicar sobre si mesma. Uma forma de contar impregnada de subjetividade, que nos remete a Benjamin (1987, p. 205) quando se refere à narrativa: “[...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. [...] Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. Enfim, uma narrativa é fiel ao seu autor.

Em ambos os conceitos apresentados por Lejeune, temos o *eu escritor* e o *eu personagem*, ao mesmo tempo.

Além disso, podemos categorizar o diário e a autobiografia como escritas sobre si mesmo.

¹⁶⁹ O Professor Sérgio Arruda de Moura, diretor do CCH-UENF escreve uma coluna, às sextas-feiras, para a *Folha da Manhã*, um jornal de circulação em Campos dos Goytacazes e região, onde publicou “Caderneta de Anotações”, em 16/05/2014.

Denise Schittine (*apud* PAUL DE MAN, 2004, p. 10) explica que “autobiografia não é um gênero ou um modo, mas uma “figura de leitura” (ou de compreensão) que ocorre em algum grau, em todos os textos”. Segundo a autora (SCHETTINE, 2004, p. 10), “a definição de Man vinha perturbar e misturar as categorias “vida” e “escrita”, que pareciam estanques. Mostrava que o escrito íntimo está impregnado também de ficção e que pode, em muitos casos, influenciá-la”.

Nessa linha de raciocínio, parece-nos claro que o autor estende para todos os textos que produzimos a possibilidade, ou melhor, a existência de traços autobiográficos, de forma que não escrevemos nada que esteja isento de subjetividade ou do risco de contarmos nossa própria história, ao escrevermos algo de outro gênero literário (ou até mesmo científico), de forma que a vida e as escritas de um autor se fundem numa mesma realidade, passando à escrita suas ficções, já que temos aprendido que invenção não é uma mentira, mas expressão da cognição.

Considerando os diários e autobiografias como espécies do gênero escritas íntimas, e, embora ambos os estilos – autobiografias e diários – se constituam narrativas a respeito do próprio autor, destacamos que apresentam entre si algumas diferenças.

Philippe Lejeune (2008, p. 53) explica que autobiografia é uma palavra de origem inglesa, que Larousse definida como “vida de um indivíduo escrita por ele próprio” e Vapereau como “[...] obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos”.

Afirma Lejeune ainda (2008, p. 71) que “denominamos “autobiografia” a narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Em seguida, o mesmo autor (LEJEUNE, 2008, p. 71) comenta que “a autobiografia não pode ser simplesmente uma agradável narrativa de lembranças contadas com talento: ela deve manifestar um *sentido*, obedecendo às exigências frequentemente contraditórias de fidelidade e coerência”.

As autobiografias são escritas que tem um tempo determinado pelo autor, um começo e fim, que ele mesmo escolhe. Diferentemente dos diários, que podem ter um fim em momento diverso da vontade do diarista.

Além disso, há toda uma diferenciação temporal. Enquanto as autobiografias são narrativas do passado (“retrospectiva em prosa”, segundo Lejeune), os diários são escritos do presente com vistas ao futuro, que apontam para um momento vindouro – são prospectivos. Os diários são escritos em um determinado tempo, são marcados pela rotina, pelo dia e hora; já as autobiografias não possuem essa característica. Enquanto as autobiografias não possuem necessariamente marcações temporais, os diários possuem entradas e datação, que dão conta do dia exato em que a narrativa ocorreu.

3. Caracterização do diário

É necessário pontuarmos que vamos nos referir, nesta abordagem, a um diário em formato tradicional, manuscrito, no qual o autor (o diarista) anota periodicamente suas expressões de alegria, tristeza, saudade, confissões e até ficções, conforme já comentamos anteriormente.

Traremos alguns elementos caracterizadores de um diário. Lejeune (2008, p. 260-261) faz algumas considerações fundamentais para a identificação e compreensão desses elementos: data, entradas, autenticidade, vestígios e, por fim, a intenção de seduzir outra pessoa.

Comenta o autor que a data é a base do diário: “a datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital. Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado.” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Alguns diaristas escrevem o dia da semana, mês, ano e local. São marcações temporais e espaciais importantes para data futura, para a hipótese de ser lido mais tarde.

Lejeune (2008, p. 260) comenta a importância da autenticidade do momento.

Destaca ainda a relevância dos vestígios que ficam ali indelevelmente impressos, como o manuscrito, a grafia da pessoa, em caderno especial (que pode ter sido presente), acompanhado de outros vestígios como flores, objetos, sinais (LEJEUNE, 2008, p. 260).

Por fim, comenta a destinação, conteúdo e forma livre (sendo possível narrativa, lirismo e outras formas), ressaltando ainda que pode “o diarista escrever apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa”. (LEJEUNE, 2008, p. 261). Sedução aqui, percebe-

se, aponta para a possibilidade de encantar alguém a ponto de provocar-lhe o desejo de desvendar seus mistérios através da leitura.

Estabelece Lejeune (2008, p. 261 a 264), as funções ou utilidade de um diário: conservar a memória (“tereí um rastro atrás de mim, legível, como um navio cujo trajeto foi registrado no livro de bordo”), sobreviver (“o diário é apelo a uma leitura posterior”), desabafar (“decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias”), conhecer-se (autoestima, autobiografia, construção de imagem positiva), deliberar (fazer balanço de hoje e preparar para amanhã: “o diário está volta-do para o futuro”), resistir (aguentar, suportar a espera), pensar e escrever.

Evidentemente essas funções podem ser ampliadas, dependendo da subjetividade de quem escreve um diário.

Falamos sobre conteúdo, forma e características de um diário. Por fim, como terminam os diários?

Lejeune (2008, p. 269) destaca as seguintes formas de finalização de um diário: a interrupção, a destruição, a releitura e a publicação. Prossegue o autor explicando que o final do diário não foi observado em sua pesquisa: “o fim escapa em geral à observação e, com isso, escapa também à reflexão” (LEJEUNE, 2008, p. 13), comentando que não foi observado porque os textos dos diários não preveem seu fim (são raros os diários que possuem um fecho); além disso, o fim traz a consequência de não haver mais texto (como é o caso da destruição).

Será, que a partir dessa premissa, podemos afirmar então que os diaristas que não pretendem ou desejam ser lidos um dia destroem seus diários?

4. O diário como escrita íntima a ser revelada

Não temos dúvida de que um diário é uma espécie de escrita íntima do *eu* e que a decisão de escrevê-lo é uma iniciativa que varia de acordo com a intenção do autor: desabafar; narrar fatos ocorridos naquele dia; contar um segredo que não pode, não quer ou não deve compartilhar; sonhar; e por que não ficcionalizar.

Segundo Schittine (*apud* LEJEUNE, 2004, p. 11), é nessa escrita íntima “que o diarista coloca o que não tem coragem de falar ou fazer durante o dia, ou o que tem pensado e feito apenas em segredo”. Parece-nos

que esta tenha sido, ao longo dos anos, a maior finalidade do diário.

Schittine (2004, p. 10) comenta que em algumas situações, Lejeune vê o escrito íntimo anônimo como fonte de pesquisa, citando a escrita íntima das mulheres de determinado período histórico, reafirmando que o diário íntimo de alguém desconhecido possui valor literário e histórico. E prossegue em sua análise (SCHITTINE *citando* LEJEUNE, 2004, p. 11): “o objetivo é não só promover um exercício de estudo desses escritos como também despertar nos diaristas um desejo que parecia premente na escrita íntima: o de ser lido”. Aqui, mais uma vez, reforçamos a ideia de que os diários são escritos para serem lidos por outrem.

Lejeune faz alusão ao fato de alguns diários serem destruídos por seus autores (2008, p. 269). Em nosso entender, esses que destroem são os que não gostariam de ver seus diários lidos, nem publicados – fato que pode ser explicado por nutrirem um sentimento negativo em relação ao que foram, ao que relataram a respeito de si, ou mesmo para resguardar sua intimidade e seus segredos. Enfim, os motivos que levam o autor a destruir suas escritas podem variar, importando para efeito desta análise que aquele que não deseja a leitura, a publicação ou até a possível publicização de sua vida privada, tratam de destruí-los, de alguma forma.

Denise Schittine (2004, p. 11) explica que, se por um lado, existem pessoas que escrevem diários para si, apenas com objetivo de desabafar, e terminam queimando-os mais tarde, por outro, há aquelas que guardam cuidadosamente para voltarem a essas lembranças e um dia ter esses escritos descobertos por alguém que pode vir até a propagá-los. Evidencia a autora, mais uma vez, a clara intenção do diarista de que seus escritos sejam lidos.

Essa relação que verificamos entre o diário-secreto e o diário que pode vir a ser público ou o próprio diário virtual (o blog), demonstra que a pessoa busca uma tentativa do autor de interagir, uma vez que ele mesmo se afastou da vida social em função de suas histórias particulares, buscando agora retomar esses contatos, ainda que seja de forma virtual. (SCHITTINE, 2004, p. 16-17).

Sabemos que o diário no formato íntimo, tradicional e secreto vem cedendo espaço ao diário escrito através da internet – novos diários, como os *blogs* e o *facebook*. Claro que não se trata de mera atualização de suporte, mas alteração paradigmática da expressão da subjetividade, uma vez que ao mudar o meio, transforma-se também a mensagem (SIBILIA, 2008), entre outras razões, pelo fato de estarem expostos na rede

para um número indefinido de destinatários, diferentemente do diário secreto, tradicional. Os novos formatos, midiáticos, entretanto, resguardam as marcantes características da espécie “escritas do eu” (SCHITTINE, 2004, p. 13).

Afirma Schettini (2004, p. 13)

Os diaristas virtuais começaram escrevendo os seus diários nas telas do computador, ganharam familiaridade com a tipografia, as limitações e os recursos do teclado, até que começaram a fazer a passagem para a internet, para a rede. [...] De certa forma, o blog surgiu como um sistema de disponibilização de textos e fotos na *web* menos complexo e mais rápido, o que facilitou a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento técnico. Essa facilidade ampliou o número de pessoas que podiam ter um blog.

Assim, os blogs vieram progressivamente substituindo os diários de formato tradicional, e ainda com um ingrediente fascinante: a exposição imediata na rede daquilo que nós pensamos ou estamos fazendo, em tempo real, valorizando cada vez mais a exposição de relatos, conforme se expressa Paula Sibília, em sua obra *O Show do Eu*: “[...] obras produzidas por artistas que encarnam uma nova forma de arte e um novo gênero de ficção, ou se trata de documentos verídicos acerca de vidas reais de pessoas como *você, eu* e todos *nós*?” (SIBILIA, 2008, p. 30). Tudo isso encerrando uma verdadeira apologia ao eu a que Sibília denomina “espectacularização do eu”.

Schittine (2004, p. 14) comenta a necessidade, por um lado, do *eu* ser lido e se ver cada vez mais exposto; e por outro, a necessidade de “consumir intimidade” desse novo público da rede e da facilidade que é se comunicar independentemente da relação face a face.

É incontestável a necessidade (ou simplesmente vontade) do diarista de expor seu diário, salvo poucas exceções. Haja vista a proliferação da nova versão do diário – o blog. Percebemos de forma bastante evidente que o novo formato de diário se expõe e cumpre a função de ser lido por destinatários (no caso, por um público desconhecido e ilimitado em número e heterogeneidade), o que excede em quantidade e qualidade o(s) destinatário(s) de um diário tradicional, circunscrito a uma caderneta: aquele desejo de ser lido, de que falaram Philippe Lejeune e Denise Schittine.

5. Considerações finais

O diário é uma espécie de escrita íntima do *eu*, que se perpetua,

atravessa séculos, transforma-se e sobrevive aos reveses de uma sociedade em constante mutação para assumir um novo formato: um novo diário, assentado sobre novos paradigmas, com uma nova estrutura, com o propósito evidente de alcançar como destinatário um público heterogêneo e imensurável, escrito através da tecnologia, da tela do computador, dando conta de que ele não morreu. Antes se reestruturou, se adequou à nova perspectiva de exposição do *eu*, alterou a tônica da mensagem, atualizou-se e se modernizou para atender aos reclamos de um novo tempo – o blog. Entretanto, constatamos nessa breve análise, que sua característica fundamental foi conservada através dos tempos, continuando a ser uma narrativa a respeito de si mesmo, uma escrita sobre o próprio autor, que pode ter hoje diferentes objetivos, como por exemplo, as expressões do *eu* e a exposição do *eu*. Nesse novo formato, há uma intenção manifesta de ser lido, exposto, publicado e comentado.

O diário em seu formato tradicional, entendido como confidente, como destinatário de segredos, de emoções e de sonhos, sempre nos traz uma certa magia, uma incógnita a ser decifrada, principalmente se considerarmos seu caráter sigiloso, bem guardado, a salvo de curiosos.

Será que, embora tão sigiloso, o diário guardaria, em sua essência, a vontade de se expor?

Uma análise incipiente nos levaria a crer que estes diários são escritos para ficarem guardados, sob chave por seus autores – os diaristas. Entretanto, analisando os argumentos dos estudiosos do tema, a outra conclusão não podemos chegar, a não ser que eles, em sua maioria, são escritos com intenção de que um dia sejam lidos por outrem. Mais que isso, possuem um latente e ardente desejo de que seus diários sejam admirados ou mesmo publicados. Constatamos que ele esconde, em seu misterioso segredo – um aparente paradoxo –, um desejo de ser lido.

Philippe Lejeune e Denise Schittine comentam sobre esse desejo do autor do diário de que um dia ele seja lido, uma vontade de ser revelado, de deixar que sua história transcenda a esfera privada e alcance a pública.

Todas essas considerações nos levam a crer, com toda clareza que os diaristas, possuem mesmo o desejo de que mais tarde, seus diários sejam lidos.

Toda essa necessidade de se expor, de se fazer presente e de se relacionar em tempo real faz do novo formato de diário – o blog – um re-

curso totalmente reestruturado e ressignificado, e muito atraente àqueles que desejam continuar narrando sua história, contando e recontando, escrevendo e reescrevendo sua trajetória, e, como poeticamente escreveu Lejeune, deixando atrás de si, um rastro como o do navio registrado no diário de bordo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MOURA, Sérgio Arruda de. Caderneta de anotações. *Folha da Manhã*, Campos dos Goytacazes, edição de 16/05/2014.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.